

ENTREVISTA

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima; TEIXEIRA, Rosiley Aparecida. Retratos de Escolas: estudos sobre a escolarização em diferentes contextos e territórios educativos. Entrevistada: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen. *Dialogia*, São Paulo, n. 39, p. 1-7, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/n39.2021.21004>.

American Psychological Association (APA)

Terçariol, A. A. de L., & Teixeira, R. A. (2021, set./dez.). Retratos de Escolas: estudos sobre a escolarização em diferentes contextos e territórios educativos. Entrevistada: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen. *Dialogia*, São Paulo, n. 39, p. 1-7. <https://doi.org/10.5585/n39.2021.21004>.

“Retratos de Escolas: estudos sobre a escolarização em diferentes contextos e territórios educativos”

Entrevistada: *Elisa Tomoe Moriya Schlünzen* - Graduada em Licenciatura Plena em Matemática pela FCT - UNESP (1985), Especialista em Ciência da Computação pela Universidade de São Paulo em São Carlos - USP/São Carlos (1987), Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp (1994), Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2000) e Livre-Docente em “Formação de Professores para uma Escola Digital e Inclusiva” pela UNESP (2015). Líder do Grupo de Pesquisa Ambientes Potencializadores para a Inclusão (API). Atualmente, é professora associada voluntária na UNESP e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Atuou como Coordenadora Geral de Políticas Pedagógicas na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação - SECADI/MEC (2011) e Coordenadora adjunta do Núcleo de Educação a Distância (NEaD/Unesp) (2011-2018). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de Professores, Abordagem Construcionista Contextualizado e Significativo, Educação Especial e Inclusiva e Educação a Distância.

Dialogia: Poderia falar um pouco a respeito de seu percurso acadêmico e, sobretudo, profissional?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: O meu percurso profissional foi sempre na Unesp. Por vezes atuei como consultora avaliadora e coordenadora no MEC, nos projetos ligados à formação a distância, Educação Especial e Inclusiva. Atualmente aposentada, sou colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp (FCT/Unesp) e permanente no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). O acadêmico é bastante eclético. Comecei fazendo um curso de licenciatura plena em Matemática, especialização em Computação, mestrado em automação industrial, doutorado em

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

Educação e Currículo, finalizando com uma livre docência intitulada “Formação de professor para uma Escola Digital e Inclusiva”. No decorrer da carreira, desenvolvi a abordagem pedagógica Construcionista Contextualizada e Significativa (CCS), defendida por mim no doutorado em 2000 e validada na minha livre docência, em 2015. As iniciativas são voltadas para o avanço do processo educativo para a Educação Inclusiva, principalmente para Estudantes Público-Alvo da Educação Especial (EPAEE), que são as pessoas com deficiência (auditiva, física, intelectual e visual), com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com Altas Habilidades ou Superdotação (AH/S). Os projetos desenvolvidos consecutivamente estão em conformidade com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que prevê e ressalta os direitos de acesso, participação e permanência dos EPAEE em todos os níveis e modalidades de ensino. Essas ações orientam sobre a importância do planejamento e da organização de recursos e serviços que atendam às necessidades educacionais dos estudantes incluídos no ensino regular, bem como a valorização das suas competências e habilidades. As atividades sempre foram com os membros do grupo de pesquisa Ambientes Potencializadores para Inclusão (API), culminando na construção do Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social (CPIDES) em 2010, dentro da FCT-Unesp. No que tange à acessibilidade, os recursos pedagógicos e tecnológicos disponibilizados pelo CPIDES foram fundamentais para contribuir com a construção de um ambiente educacional inclusivo, viabilizando assim a inclusão social, digital e educacional de seus atendidos. Estas pesquisas buscaram, por meio do desenvolvimento dos projetos científicos de ensino, pesquisa e extensão, ações direcionadas ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), Tecnologias Assistiva (TA), Formação inicial e continuada de professores na modalidade presencial e a distância para Educação Especial e Inclusiva. A divulgação e orientação ocorre por meio de palestras e oficinas, para discentes (graduação e pós-graduação) e outros profissionais da área. Já para os estudantes e as famílias atendidas, o CPIDES é um ponto de apoio. Mais do que a oferta de atendimento de caráter pedagógico e de pesquisa, tudo é pensado em como atender, auxiliar e colaborar visando sempre às potencialidades dos estudantes e suporte para as famílias. Vale ressaltar que o CPIDES busca realizar um atendimento humanizado, que respeita o tempo individual e o potencial de cada EPAEE, para o seu desenvolvimento de forma totalizadora.

Dialogia: Qual o seu entendimento e quais as descobertas como pesquisador sobre a escolarização em diferentes contextos e territórios educativos?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Ao pesquisar e visitar os ambientes educacionais, centros de pesquisa e participar de eventos nacionais e internacionais, entre outros, desde a educação infantil até o ensino superior, observo que a maioria, compreende a necessidade de mudança no processo formativo, para atender a demanda da sociedade da informação e da comunicação. Os estudantes estão inseridos em meios com muitos recursos tecnológicos como as redes sociais, tendo uma infinidade de informações, além das políticas afirmativas, que conduzem à revisão na forma de conceber o ensino e a aprendizagem. No entanto, ainda hoje, a escola forma o estudante para a escola e não para vida, o mesmo ocorre com a universidade. Em seus cursos de licenciatura e na formação continuada de educadores, permanece formando para a universidade e não para a escola. Assim, os atores educacionais sentem a necessidade de mudança, buscando novas metodologias, como as ativas, mas as estratégias pedagógicas desenvolvidas ainda não conseguem chegar à educação libertadora que Paulo Freire preconizava. Em eventos internacionais, observamos que há muitas ações importantes, principalmente no nível do ensino superior. Mas para que essas ações se consolidem no nosso país, há a necessidade de uma grande mudança na forma que realizamos o nosso processo formativo, principalmente no ensino superior, para termos impactos interessantes nos ensinos fundamental e médio.



Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

Dialogia: Que avanços são sinalizados por pesquisas e/ou diretrizes nacionais e internacionais que mereceriam um destaque e mais visibilidade?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Como comentado anteriormente, a maioria dos pesquisadores conquistou a consciência sobre as mudanças necessárias por meio das suas pesquisas nos processos formativos. Eles apontam quais mudanças são necessárias para o processo educacional com vistas a atender à diversidade e valorizar as diferenças humanas, possibilitando a equidade e equiparação de oportunidades. Mas, poucos apresentam o como fazer, identificando os caminhos que precisam ser percorridos, ou mesmo não experimentam de fato as estratégias pedagógicas, de maneira a avaliar os resultados com uma boa análise sobre o uso das TDIC e da TA, entre outros tantos recursos. Diante disso, acredito que são necessárias as pesquisas que apresentam um novo fazer pedagógico, para atender as demandas sociais, educacionais, políticas e do mundo do trabalho. É necessário apontar caminhos para as soluções com as descrições, os resultados alcançados e uma análise bem fundamentada epistemologicamente para uma formação que valoriza o potencial humano e não fique ressaltando somente os problemas educacionais que vivenciamos ou com base em dados obtidos com as respostas de questionários, entrevistas e narrativas. Assim, acredito que devem minimamente indicar uma luz para os problemas que encontram. Como parecerista de revistas e eventos renomados, participante em bancas de iniciação científica, mestrado e doutorado, fico extremamente preocupada com a qualidade dos artigos, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e teses, principalmente no que se refere a responder à academia, sem trazer luz para os problemas educacionais, sociais e trabalhistas. Fico pensando: como levar um pesquisador a pensar em alternativas, a partir do entendimento das políticas e do seu contexto de atuação, para buscar dados concisos, selecioná-los e analisá-los a fim de melhorar minimamente o seu entorno e os ambientes de aprendizagem.

Dialogia: Qual o papel das instituições educacionais diante da necessidade de reflexões e práticas pedagógicas voltadas aos estudantes de diferentes contextos e territórios educativos, considerando a diversidade e necessidade de uma escola para todos? Quais as principais ações ou encaminhamentos a serem desenvolvidos?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: A princípio, observo a necessidade de uma revisão dos currículos e dos métodos de ensino. Sempre defendemos uma educação de qualidade baseada em novos princípios educacionais. Nesse sentido, renomados pesquisadores da área educacional indicam a necessidade da construção de uma abordagem para desenvolver competências dos discentes, segundo as suas perspectivas. Nas nossas experiências com o desenvolvimento de projetos, possibilitamos ambientes de aprendizagem nos quais educadores e estudantes são participantes ativos de cada etapa do processo, desde a sua concepção até a reflexão final sobre as vivências desencadeadas, sobre os resultados obtidos. Assim, o uso da estratégia metodológica de desenvolvimento de projetos fez parte do processo formativo adotado pelos pesquisadores do CPIDES.

A partir dessas premissas, a minha pesquisa de doutorado, orientada pelo Prof. Dr. José Armando Valente, definiu princípios básicos que orientaram o professor na construção de uma metodologia que inclui os recursos tecnológicos para criar um ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo (CCS), despertando as potencialidades e as habilidades dos estudantes e usando como estratégia o desenvolvimento de projetos. Nesta abordagem, o ambiente é construcionista porque o estudante usa as TDIC para produzir um produto palpável e constrói o conhecimento a partir de seu interesse. O Construcionismo foi idealizado por Seymour Papert, vivenciando por meio da espiral da aprendizagem de Valente. É contextualizado porque a escolha do tema do projeto parte do campo de interesse dos estudantes e vivência dos envolvidos. Os dados, portanto, são

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

levantados a partir do seu contexto e o projeto é desenvolvido para alcançar ou compreender algo que se almeja, possibilitando a vivência e a experiência, dentro da sua realidade, mediante um tema gerador. É significativo porque durante o desenvolvimento do projeto, o estudante depara-se com novos conceitos e o professor aproveita a oportunidade, realizando a mediação pedagógica para formalizar e sistematizar tais conceitos, dando significado à aprendizagem. Nesse processo, cada estudante pode atuar conforme as suas competências, habilidades e interesses.

Assim, com a abordagem CCS, torna-se possível trazer o cotidiano para a sala de aula, permitindo aplicações práticas e aprendizagens a partir da experiência inserida no contexto e na realidade do estudante, aprendendo para a vida. Nesse sentido, os docentes podem aproveitar a riqueza de cada momento para contemplar os conteúdos previstos no currículo, formalizando e colaborando para a construção do conhecimento de seus estudantes de forma significativa. Além disso, o currículo pode ser cumprido a partir dos problemas vivenciados e que despertam os seus interesses, sem a segmentação das disciplinas. No entanto, é de fundamental importância que, no decorrer do desenvolvimento das atividades, os professores realizem um levantamento e uma reflexão dos conceitos que foram abordados junto aos estudantes. Mesmo que tais conceitos não sejam contemplados de forma linear, é preciso que sejam formalizados e sistematizados. Assim, a abordagem CCS possibilita que os conteúdos sejam contemplados a partir da vivência no cotidiano dos estudantes e os professores devem analisar constantemente o que pode ser explorado, para que as próximas atividades sejam delineadas e planejadas por meio de um processo reflexivo, com vistas no currículo.

A avaliação deve favorecer aos estudantes a reflexão e a tomada de consciência a respeito de seu crescimento e de suas habilidades para que as suas capacidades e a sua autoimagem estejam sempre em um movimento de reflexão e de desenvolvimento para atuar em sociedade, com a sua equipe e no mundo do trabalho. Dessa forma, a autoavaliação é crucial para compreender as percepções individuais e coletivas e, adequadamente elaborada, torna-se imprescindível para compor a construção da avaliação formativa. O professor precisa rever a sua forma de avaliar e compreender que a avaliação formativa permite analisar as várias manifestações sociais, emocionais, afetivas e cognitivas dos estudantes no processo de aprendizagem, pois o estudante é o ser que atua, percebendo as facilidades e os desafios de elaboração, de raciocínio, de proporção, de articulação e de sociabilidade, avaliação bastante defendida por Hoffmann.

Em resumo, a abordagem CCS, usada pelos membros do nosso grupo, em todos os ambientes educacionais, dos níveis desde a educação infantil até a pós-graduação, favorece o trabalho coletivo em grupo, o que contribui para que a aprendizagem ocorra de forma colaborativa e que as dificuldades sejam superadas de forma conjunta, em busca das soluções. Além disso, a aprendizagem se dá a partir de uma parceria entre professores e estudantes. O fato é que cada participante no meio educacional pode contribuir, o estudante pode sair da posição de espectador e assumir o espaço de protagonista das mudanças ocorridas.

Dialogia: Quais os maiores desafios enfrentados para que a diversidade seja realmente contemplada no cenário educacional brasileiro?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: É enxergar a beleza do outro, confiar no potencial humano, despir-se da arrogância de achar que sabe do que o outro é capaz, sem permitir que ele mostre a sua capacidade. É ser sábio o suficiente para ensinar de forma que cada indivíduo consiga se desenvolver, buscando edificar e evidenciar o seu potencial, as suas competências e habilidades. É muito triste ver um educador falando que os nossos discentes estão vindo cada vez piores, evidenciando sempre as suas dificuldades e impossibilidades. Fico pensando como conseguiremos avançar, se precisamos de políticas educacionais afirmativas, para que a diversidade seja contemplada? Será que não temos de rever o nosso posicionamento como educadores, parar de julgar, de se colocar em uma posição, como educador, muito superior aos nossos estudantes, para

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

permitir uma aprendizagem que valorize a diferença de cada pessoa? Temos de refletir sobre como trazer a alegria de pertencimento, de poder aprender com prazer, de forma divertida, de perceber que o diferente pode trazer crescimento. Ter a boa vontade de compreender quais recursos são possíveis para que todos tenham a equiparação de oportunidades. Buscar parcerias para o bem, em prol de uma educação mais humana, criando um ecossistema educacional que valorize a diferença, despendo-se do desejo de que todos devam seguir um mesmo padrão. Aprender a gostar do ser humano que tem competências e deficiências, pois cada um de nós é assim e merecemos ter acessos e pertencer ao mundo educacional, pois se não iniciamos por ele, por uma cultura inclusiva, tornaremos o mundo um local de difícil convivência.

Dialogia: Você acredita que a nossa educação possa alcançar níveis mais elevados em relação a outros países no que tange à diversidade e ao respeito aos diferentes contextos e espaços formativos?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Sim, as políticas de inclusão no nosso país estavam bastante adiantadas, mas elas estão necessitando de uma boa execução. No entanto, a política instituída pelo Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020, apresenta preocupações em relação aos avanços conquistados até o momento. Consoante a isso, compreendo que precisamos avançar por meio de uma revisão nas políticas de formação em todos os níveis de ensino. Considero que por meio da formação, podemos mudar a nossa cultura para uma visão mais inclusiva, coletiva e humana. Assim, há a necessidade de se fazer uma política de estado nos processos formativos, concebendo o ensino e aprendizagem de forma significativa, não precisando de políticas educacionais afirmativas para aceitar os diferentes. Precisamos compreender a importância da educação para vida de todo o ser humano, independentemente de quem seja. Além disso, o processo educacional precisa ter a merecida importância no nosso país. Nossos docentes devem ser valorizados com formações, salários e condições de trabalho dignos. São esses profissionais que merecem todo o nosso respeito, e por meio deles, conseguiremos transformar vidas, possibilitando o desejo de valorizar os discentes.

Dialogia: Qual o tipo de formação mais adequada ao preparo de professores e gestores escolares para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico significativo em prol de uma formação de crianças e jovens mais conscientes da necessidade de um olhar mais atento para a diversidade na escola e sociedade?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Sempre saliento que o exemplo e a vivência são as melhores formas de ensinar. Defendo esse tipo de formação nas escolas, essa forma de ensinar também para os nossos professores e gestores. Nos nossos cursos também usamos como abordagem metodológica a CCS e como estratégia pedagógica a aprendizagem baseada em projetos. Assim, para cada profissional a ser formado, incentivamos para que reflitam sobre o seu papel e apresentem qual projeto desejam desenvolver, podendo ser um projeto político pedagógico, um plano de ensino, um plano de aula, entre outros. Na elaboração e desenvolvimento de seus projetos ou planos, os dados são levantados dentro de seu contexto de atuação, tendo um mediador pedagógico para auxiliá-los e estimulá-los a refletir em cada etapa do desenvolvimento, propiciando um processo reflexivo, sendo mediado pedagogicamente. Além disso, nesse processo, são inseridos elementos e materiais para que eles compreendam como usar e para que usar os recursos pedagógicos ou tecnológicos, refletindo sobre as suas ações e resultados esperados. O uso da abordagem CCS, empregada nos processos formativos, contribuíram para a construção de ambientes educacionais inclusivos e revelaram boas experiências vividas na formação inicial do professor, principalmente no que se refere ao fazer pedagógico com o uso das TDIC e das TA; do trabalho com projetos e com as formas de vivenciar a escola por meio dos estágios e outras

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

atividades práticas; na formação em serviço e continuada de professores, de maneira a estabelecer formas de contato com o contexto da escola e da sua equipe de profissionais, visando a um processo reflexivo e que provoque transformações efetivas de acolhimento e valorização das diferenças. Até o momento, temos como resultados mais de 7.500 educadores formados no Brasil, várias instituições parceiras beneficiadas e três países envolvidos. A parceria internacional estabelecida com uma instituição americana permitiu-nos concluir que o trabalho realizado no CPIDES pode ser aplicado em outros contextos internacionais, o que demonstra a potencialidade e amplitude do trabalho realizado. No atual contexto de uma perspectiva pós-pandêmica, o projeto desenvolvido pelo CPIDES demonstra elevada potencialidade e referência para promover a inclusão de EPAEE, bem como aqueles que não têm nenhum diagnóstico clínico, pois todos desejamos ser incluídos.

Podemos afirmar que no CPIDES destacamos o desenvolvimento de um processo educacional inclusivo e inovador, que potencializa as habilidades humanas e provoca mudanças nas escolas, nas universidades e nos demais ambientes de aprendizagem. Por conta disso, recebemos os seguintes reconhecimentos internacionais:

2018- Prêmio Interamericano en Modelos Educativos Innovadores en Educación Superior, oferecido pela Organización Universitaria Interamericana (OUI), pelo projeto “A Universidade no CEU: Uma Proposta Inovadora de Democratização do Ensino Superior”.

2016- Menção de Honra pelo projeto “Acessibilidade e Inclusão no Ensino Superior: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e Tecnologia Assistiva”, Prêmio Interamericano de Inovações Educativas OUI-2016.

2016- Reimagine Education 2016 - Regional Awards - Latin America, University of Pennsylvania and QS Quacquarelli Symonds. Project: Accesibility and Inclusion in Higher Education: Digital Information and Communication Technologies and Assistive Technology.

Dialogia: Que mensagem enviaria, nos dias de hoje, para os educadores em exercício?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Que eles são capazes de construir uma escola inclusiva coletivamente. Cada profissional, na sua função, pode cooperar de forma especial para o desenvolvimento cognitivo, social, político, emocional e afetivo dos nossos estudantes. Que a profissão deles é a mais nobre do mundo, exemplificada pela frase do Dr. Ivan Ferrareto, um médico da AACD, que disse: “Os médicos são capazes de ajudar uma pessoa andar, falar, ouvir, escrever... mas, somente um professor é capaz de ajudar o seu aluno a sonhar”.

Então, use o seu potencial para transformar a educação do nosso país, possibilitando que os nossos estudantes sonhem com um mundo melhor.

Dialogia: Por favor, deixe aqui outros comentários que considerar pertinentes sobre a temática abordada e que não foram contemplados nas questões acima.

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Antes de tudo, gostaria que houvesse uma reflexão sobre a fala do Renan Rodrigues, graduado em licenciatura em Matemática e, atualmente, discente do programa de mestrado profissional em Educação Inclusiva acometido de paralisia cerebral, que comentou quando foi questionado sobre por que gostaria de fazer o mestrado:

- Quando fui para o ensino médio, a diretora me disse: "Aqui não é o seu lugar". Por isso que quero trabalhar no mestrado para ajudar os gestores a serem inclusivos.
- Quando uma criança fala para outra criança com deficiência que ali (escola) não é o lugar dela, não é a criança quem fala, mas sim o ambiente.



Elisa Tomoe Moriya Schlünzen

- Quando um professor diz: "ele não fala, ele não anda, ele não sabe ler, ele não sabe escrever, ...", ele (o professor) tem que saber que esse é o seu desafio.
- Somos todos incompletos, buscamos a completude que nunca chegará.

Assim, a partir desta fala, posso dizer que nestes mais de 33 anos junto com os membros do grupo de pesquisa API, pudemos vivenciar experiências com os EPAEE e as suas famílias, com os discentes dos cursos de graduação e pós-graduação, com os profissionais autônomos e de instituições especializadas, podendo afirmar que é difícil mudar o paradigma educacional excludente presente. Mas, é possível e é muito bom abrir possibilidades para que todos possam aprender com alegria e se encantar com a felicidade de se descobrir como ser humano criativo e proativo, que pode fazer o bem para si, para o seu contexto, para as pessoas que o cercam e para o mundo. Proporcionar a construção do conhecimento para o bem de uma vida melhor é motivo de agradecimento, pois conseguimos fazer da nossa profissão e das nossas pesquisas, a transformação de vidas, espaços e da sociedade.

Muito obrigada pela oportunidade!
Elisa Tomoe Moriya Schlünzen